



Colheita de café em uma fazenda paulista.

E foi assim que Ribeirão Preto, dentro de poucos anos, trabalhado pelo braço negro e caboclo, guiado pela experiência de experimentados, e principalmente pela sabedoria de Luiz Pereira Barreto, tornou-se no maior centro produtor da preciosa rubiácea, do mundo, dando a São Paulo a primazia na agricultura brasileira...

E houve verdadeiro êxodo de quase toda a parte, principalmente do Norte de São Paulo e de Minas Gerais, e do Rio de Janeiro para os sertões da "Terra-Roxa". E a lavoura cafeeira principiou a tomar vulto cada vez maior. E aparecem os primeiros sintomas alarmantes de falta de braços. A escravidão era, por assim dizer-se, a única fonte fornecedora de braços para a lavoura, e a campanha abolicionista fazia as suas diabruras...

A imigração européia era feita a médo, mingüadamente. Além de pouco conhecido o Brasil, a Argentina, temerosa de que as correntes imigratórias preferissem o nosso país, canalizando para lá os próprios trabalhadores agrícolas que se destinavam ao Prata, iniciava impiedosa campanha contra o nosso clima, dizendo-o excessivamente quente, impróprio ao homem europeu. Tanto isso era verdade — diziam os argentinos — que os principais produtos brasileiros eram o café e a cana, plantas tipicamente tropicais. E a "febre amarela" era também lembrada como terrível espantinho...

Luiz Pereira Barreto tornara-se fazendeiro por lhe repugnar simples propaganda sem demonstração prática. Obtidos, provados experimentalmente os resultados que visava — as virtudes excepcionais da "Terra-Roxa" para a cultura de café — impunha-se-lhe demonstrar a injustiça dos que deprimiam o nosso clima. Urgia provar que pelo menos no Sul do Brasil o europeu encontraria "habitat" favorável. E abandonou a lavoura cafeeira, fazendo-se viticultor...

Recorda Plínio Travassos dos Santos que Pereira Barreto pretendia comprovar que em nosso clima era possível medrar a parreira e por conseguinte receber o imigrante europeu. Formou uma chácara de viticultura à rua Visconde do Rio Branco, na capital paulista, vendendo-a, depois, à grande paulista d. Verdiana Prado, para fundar em Piributã verdadeiro campo experimental. Victor Pulliat grande ampelólogo, diretor da Escola de Viticultura de Lion, na França, recebendo cartas de Pereira Barreto, comenta-

ria: "Não sei se tenho diante de mim um homem inteligente, extraordinariamente preparado, ou algum visionário que julga ter achado a quadratura do círculo". Mais tarde, recebendo de São Paulo "espantosos cachos de uvas européias", verificaria que a primeira alternativa era a verdadeira. A nova riqueza econômica iria se constituir igualmente em uma charmiriz de imigrantes europeus. Mais tarde voltaria a realizar experiência no setor cafeeiro. Também fez a campanha do Caracu, tipo bovino adaptável ao nosso meio. Sofreu críticas mas não se deu por vencido. Muitos críticos erram por o examinarem à luz de nossos dias e não da época em que viveu. De sua cabeça sonhadora nasceu o plano salvador da Companhia Antártica Paulista.

Voltemos, porém, a outra passagem da bela palestra de Plínio Travassos dos Santos e verificaremos que Pereira Barreto teve a antevisão dos modernos processos de combate às geadas:

"E já nos últimos anos de sua vida, vergado ao péso da velhice, em 1920, via no invento do Capitão de Fragata Artur Carneiro — bombas de fumaça para proteção dos vasos de guerra durante as batalhas — meio seguro de proteção das lavouras contra as geadas. E escreve ao dr. Fábio de Sá Barreto, então na vice-presidência da Câmara Municipal de Ribeirão Preto:

"Já é tempo de bradarmos "basta" para todas as praxes até agora seguidas na lavoura de café, de cana e nas pastagens. O papel que até agora temos feito é de perfeitos imbecis, deixando perecer miseravelmente cafezais, canaviais e rebanhos por causa das geadas, e perdendo, assim, milhares e milhares de contos de réis quase todos os anos. Não querera o dr. Uchôa, chefe da Empresa de Luz Elétrica, se encarregar, por si ou por meio de uma companhia, de assentar nas fac-

zendas os cômodos, fáceis e seguros aparelhos elétricos para o fornecimento das densas nuvens de fumaça que protegerão a lavoura de modo infalível contra qualquer geada, por mais densa que seja? Não querera ele, por meio do governo de São Paulo, obter do governo federal concessão para o fabrico de bombas de fumaça, de invenção de um dos nossos oficiais de Marinha?"

Creio não lhe ser difícil dirigir-se diretamente ao ilustrado Ministro da Agricultura, dr. Simões Lopes, para obter do governo federal a concessão de duas ou três dúzias de bombas de fumaça, de invenção nacional, para Ribeirão Preto se encarregar de dar a prova experimental decisiva. É uma humilhação deixar-se morrer de inanição por simples culpa da incúria e ignorância!..."

Em junho de 1921, estando na capital paulista o capitão Artur Carneiro, inventor das bombas, e sendo provável pudesse ir a Ribeirão Preto, escreveu o dr. Barreto ao seu grande amigo coronel Joaquim da Cunha Diniz Junqueira, presidente do Diretório do Partido Republicano Paulista, em Ribeirão Preto:

"Tem esta o fim de pedir-lhe o obséquio de entender-se com alguns de seus amigos para cotizarem-se e não permitirem que o comandante Carneiro tenha as despesas de espécie alguma; e peço-lhe para incluir o meu nome na lista dos que quiserem subscrever para êsse fim. Quero, com o maior prazer, figurar no número dos que concorrerem para a grande obra de redenção de Ribeirão Preto contra o flagelo das geadas."

Mais adiante:

"Viveu o dr. Barreto no Estado de São Paulo desde 1869, e morreu na capital paulista quando completava precisamente 83 anos de idade — a 11 de janeiro de 1923.

## Companhia Bandeirantes de Armazens Gerais

Capital Cr\$ 180.000.000,00

Reservas Cr\$ 81.990.501,10

ARMAZENS PRÓPRIOS

MATRIZ

FILIAIS

Rua do Comércio n.º 43

SANTOS

Lins — Marília  
SAO PAULO